



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

Aprendendo a ser mãe e dar leite, aprendendo a mamar e ser bezerro, aprendendo a tirar leite e ser criador

Autoria: Joelma Batista do Nascimento (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Porcher (2016) enfatiza que os processos domesticatórios são feitos com os animais. Despret e Michel (2016) proferem as relações de aprendizagens entre pastores e ovelhas pela qualidade de composição, de ensinamentos aprendidos junto e com os animais. Entre criadores de vacas leiteiras, em área rural pertencente ao município de Piancó, localizado no sertão paraibano, observei que a lactação gerava uma dimensão de relações técnicas-afetivas que emergiam num campo de aprendizagens que abrangia os bezerros, as vacas, os criadores e seus filhos, dentre as quais me proponho a explorá-la por intermédio de quatro interações: a) descida do leite; b) amansamento; c) observação e d) iniciação na lida com o gado. Na primeira, os bezerros mamavam por alguns segundos e soltavam o leite, para então, os criadores continuarem através das mãos e manipulação das tetas esvaziarem o úbere. Essas ações eram demarcadas por processos de aprendizagens que se instituíam pela afetividade da vaca com a cria e com o criador, permitindo que ele se aproximasse do bezerro, pelo toque e estimulação nas tetas, tanto do bezerro como do criador, e, pelo uso das cordas em suas patas traseiras para evitar coices. No segundo, os bezerros aprenderiam também com o uso da corda a serem amarrados a mãe para não disputarem as tetas com o



criador, e também a desacelerarem seu ritmo ao pisotear nas cordas amarradas em seu pescoço e se estendendo ao chão na extensão de todo seu corpo. O terceiro e quarto estavam correlacionados a aprendizagens dos bezerros uns com os outros e da iniciação das crianças nos cuidados com o gado. Todas essas relações nos levam a pensarmos sobre as técnicas de criação como um campo de relacionamentos entre vaca/bezerro, bezerro/criador, vaca/bezerro/criador, bezerros/bezerros, bezerro/criador/criança e bezerro/criança, que se formam no íntimo de interações de aprendizagens com os animais, como sugerem os autores referidos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: